

O NERVO DO POEMA

Antologia para Orides Fontela



O NERVO DO POEMA

Antologia para Orides Fontela

**Patrícia Lavelle
Paulo Henriques Britto
(orgs.)**





11 APRESENTAÇÃO

ANA MARTINS MARQUES

- 17 Um jardim para Orides
- 19 Um jardim para Sylvia
- 21 Um jardim para Wislawa
- 23 Um jardim para Ingeborg
- 25 Um jardim para Marina
- 27 Um jardim para Laura

JOSELY VIANNA BAPTISTA

- 28 Fábula

LU MENEZES

- 36 Está falando comigo?
- 37 Contigo não falo
- 38 Farsante
- 39 Interpretando um sonho

PATRÍCIA LAVELLE

- 41 Espelho
- 42 O eu e eu
- 44 Reflexo de Safo
- 46 Golem
- 47 Bildung

LEILA DANZIGER

- 48 Volpi
- 50 David

PAULA GLENADEL

- 51 Estrelas
- 52 Entre
- 53 Céus
- 54 Séries
- 55 Roubei uma hora de verso
- 56 Metáfora

MARCOS SISCAR

- 57 Medula
- 58 O retângulo eviscerado
- 59 Traduções impenitentes: “A sepal, petal,
and a thorn”, de Emily Dickinson.
- 60 O silêncio e o fundo
- 61 Brecha

MASÉ LEMOS

- 62 Vazio
- 63 Rumo à prosa
- 64 Rumor
- 66 na minha cama tenho
- 67 são várias as fôrmas

MARÍLIA GARCIA

- 68 cartilha dos bichos, com teia ao fundo

LAURA ERBER

- 73 versos de circunstância
- 75 outras circunstâncias

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

- 77 Teares
- 78 Esgrima
- 79 Colheita
- 80 Mestre-Escola
- 82 Alvo
- 84 Ars moriendi

PRISCA AGUSTONI

- 85 Tempo presente

ALICE SANT'ANNA

- 89 duas mulheres

HEITOR FERRAZ MELLO

- 94 Heranças

TARSO DE MELO

- 96 Desencontros
- 99 Lavoura

KATIA MACIEL

- 100 abismo
- 100 catedrais
- 101 desarvorar
- 101 embaralhar
- 102 espelhos
- 102 poema
- 103 portaria

SIMONE BRANTES

- 104 Aquela noite
- 105 Foi nesse quarto
- 106 Pastilhas brancas
- 106 Outra vez
- 107 Impossível
- 107 Minha mente crítica
- 108 Joia
- 109 Exercício visual

RICARDO DOMENECK

- 110 Após passar a manhã toda lendo Orides
Fontela e então pausar para requeimar
em banho-maria os restos da janta de
ontem para o almoço de hoje
- 112 Tentativa de imitação de Cecília Meireles
num sábado estrangeiro
- 113 Roteiro das colisões
- 114 Einzimmerwohnung

MÔNICA DE AQUINO

- 116 Ultrapassar
- 117 A um átimo
- 118 A Delicadeza é uma aranha branca
- 119 O pássaro-palavra

PAULO HENRIQUES BRITTO

- 120 É a mais nova versão do real
- 121 Uma palavra que entre as coisas caminhasse
- 122 Em torno de uma mesa sem toalha

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

- 123 Ainda úmidas sobre a folha
- 124 Queda
- 125 Odre
- 126 Cinco peças para silêncio

RICARDO ALEIXO

- 128 Alheio
- 131 Cabezas
- 133 Loa para um dia a mais

AGE DE CARVALHO

- 135 Orides

137 AUTORES E REFERÊNCIAS



Vinte anos da morte de Orides Fontela em 2018! Momento oportuno para reler a poeta que nasceu em 1940, numa família operária de São João da Boa Vista, no interior do estado de São Paulo. Morreu (como viveu) na mais completa pobreza, aos 58 anos, e construiu uma obra que instiga, irriga e inerva tantas poéticas importantes de hoje, muitas delas produzidas por mulheres.

Orides obteve desde cedo uma acolhida favorável pela crítica especializada, que a teria “descoberto” em 1965,¹ antes mesmo da publicação de seu primeiro livro, *Transposição*, em 1969. Sua poética sóbria, de versos curtos e enigmáticos, cortados de modo surpreendente, causava espanto por sua novidade em relação à herança modernista dos anos 1920-1940, mas aparecia também como uma alternativa às novas vanguardas concretistas e neoconcretistas do pós-guerra. De fato, é como potência de inovação que a poesia de Orides Fontela foi recebida por Antonio Candido em sua apresentação bastante elogiosa do terceiro livro da poeta, *Alba*, de 1983:

Um poema de Orides Fontela tem o apelo das palavras mágicas que o pós-simbolismo destacou, tem o rigor construtivo dos poetas engenheiros e tem um impacto por assim dizer

¹ Segundo conta Luís Dolhnikoff, na introdução ao volume de suas obras completas, Davi Arrigucci Jr. a teria “descoberto” em 1965, através de um poema publicado no jornal de sua cidade, engajando-se em seguida na edição de seu primeiro livro. Cf. Luís Dolhnikoff, “Introdução”. In: FONTELA, Orides. *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

material de vanguarda recente. Mas não é nenhuma destas coisas, na sua integridade requintada e sobranceira; e sim a solução pessoal que ela encontrou. Parecendo tão inseridos numa certa evolução da poesia moderna, e sendo tão originais como invenção, os seus versos possuem em geral uma carga de significado que não é frequente.²

No final dos anos sessenta, a poeta cursou a faculdade de filosofia na Universidade de São Paulo, o que lhe permitiu aprofundar e desenvolver uma inclinação especulativa que aparecia já em seus primeiros poemas. Entretanto, seu interesse pela filosofia não desemboca numa carreira universitária, mas se reflete efetivamente na forma de sua obra, fazendo dela uma espécie de poeta-filósofa – outra singularidade na tradição poética brasileira. Ora, essa relação importante com a filosofia aparece raramente sob a forma da citação ou da referência explícita, mas se inscreve mais frequentemente na fatura enigmática e intertextual dos poemas.

Em sua obra, dois gestos se atravessam e se entrecruzam: a interrogação teórica diante do real e a releitura da tradição não apenas literária, mas também filosófica. Orides lê interrogando e dialogando, transforma o lido ao dar forma ao poema, relê escrevendo. Alguns de seus poemas se apresentam explicitamente como releituras, em outros, as leituras ficam implícitas. Em todo caso, sua experiência poética da leitura é sempre releitura, trabalho de inversão e reinvenção na escrita: metamorfose, ironia e diálogo.

2 CANDIDO, Antonio. “Prefácio”. In: FONTELA, Orides. *Alba*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1983.

Nesse sentido, sua poética nos coloca diante das fronteiras movediças entre a experiência insistente da leitura crítica e a da criação literária. Se a primeira interroga bem de perto o texto no desejo de compreendê-lo, a segunda quer ultrapassar o compreendido para responder aos estímulos que nele encontra, e, então, recria, inventa.

Assim, as “releituras” oridianas são também “logopeias”, para usar o termo cunhado por E. Pound. Aproximando o fazer poético (*poien*) do logos, que tanto significa pensamento, razão, quanto discurso ou linguagem. A palavra sugere que a imagem se associa à ideia e que, inversamente, é o conceito que inerva o poema. É também o que nos diz Orídes num ensaio que escreveu sobre a relação entre poesia e filosofia:

[...] o saber poético se dá como uma ‘cegueira exata’: intuição, pensamento selvagem. A poesia, claro, não apresenta provas: isto é tarefa para a filosofia. Mas os filósofos — os criativos mesmo — também partem de intuições, e é a poesia que dá o que pensar. Que dizer dos incitantes fragmentos de Heráclito? Mistério religioso? Filosofia? Poesia? Tudo junto! E de Platão, aliás também poeta? E de Heidegger — que confesso ter lido como poesia — que afinal acaba no poético, por tentar algo indizível? Há muita poesia na filosofia, sim. Não poesia didática — como a dos pré-socráticos — mas poesia como fonte que incita e embriaga. E da filosofia na poesia já falamos, só que é ‘filosofia’ que se ignora, que canta — que dá nervo aos poemas e tenta entrar onde o raciocínio não chega.

Essa proximidade entre poesia e filosofia, assumida por Orídes, não implica que seus poemas se aproximem da prosa

ensaística. É na matéria rítmica dos versos, na precisão dos cortes, na própria tensão poética entre o que se quer dizer e o que se diz; é no espelho-enigma do poema que a “releitura” se forma e transforma: vira dança de ideias nas palavras, vira visão reflexiva do próprio “ver”:

Vemos por espelho
e enigma

(mas haverá outra forma
de ver?)

Essa antologia reúne releituras contemporâneas da poesia de Orides Fontela e poemas que, como os dela, exploram as inerções reflexivas das imagens poéticas, criando “logopeias”. Procuramos, assim, esboçar um panorama das retomadas e releituras da poeta, ou de caminhos por ela indicados, em diferentes poéticas contemporâneas. Para isso, contamos com as contribuições de 23 autores, que enviaram textos inéditos, compostos especialmente para esta edição, e/ou trabalhos publicados que se inscrevem de maneira significativa em nossa proposta editorial. Sem excluir a participação de poetas homens, o conjunto de poemas aqui reunido procurou refletir a importância da produção de mulheres que, como Orides, vêm trazendo inovações importantes para a poesia brasileira contemporânea, e em particular para suas relações com o pensamento.

Patrícia Lavelle e Paulo Henriques Britto